



SOZIOLOGIE DES RAUMS: GRUNDLAGEN UND ZIELE

SOCIOLOGIA DO ESPAÇO: BASES E OBJETIVOS

Martina Löw

Raum Soziologie Kultur
espaço sociologia cultura

Die Entstehung des Raumes ein soziales Phänomen und deshalb nur aus den «gesellschaftlichen Entwicklungen», als prozesshaftes Phänomen zu begreifen. Freilich vollziehe sich die Konstitution von Raum im Alltag vielfach durch Routinen, welche die Eigenart des Raumes verstellten und institutionell unsichtbar machten. Bislang werde in soziologischen Theorien mehrheitlich eine ‚absolutistische‘ Raumvorstellung gepflegt, die einzig die euklidische Geometrie als Bezugssystem reflektiere. Martina Löw dagegen entwirft einen prozessualen Raumbegriff, in dem «Raum» nicht mehr nur als starrer Hintergrund verstanden wird.

O surgimento do espaço é fenômeno social e, portanto, só pode ser compreendido como fenômeno processual a partir dos “desenvolvimentos sociais”. A constituição do espaço no dia a dia se completa de maneira diversa através de rotinas, que deslocam suas características e os tornam institucionalmente invisíveis. Até o momento se tem assumido, nas teorias sociológicas, uma concepção do espaço “absoluta” que reflete unicamente o sistema geométrico euclidiano como referência. Em contraposição a isso, Martina Löw elabora um conceito processual, no qual o espaço é compreendido como mais do que um plano de fundo rígido e fixo.

SOCIOLOGY OF SPACE: BASES AND OBJECTIVES Emergence of space is a social phenomenon and therefore can only be understood as a procedural phenomenon based on “social developments”. The formation of space in everyday life is complemented in different ways through routines, which displace the characteristics of spaces and make them institutionally invisible. So far the concept of space has been presumed in sociological theories as only reflecting the Euclidean geometric system as a benchmark. In contrast, Dr. Löw draws up a concept of procedural space in which “space” is understood as more than just a rigid fixed background.

| Space sociology culture.

Der Zócalo, das Zentrum Mexiko Stadts. Alltägliche Routinen oder permanente Veränderung? Wie wird hier Raum produziert? Wie gedacht? Und was bedeutet der Begriff des Raums eigentlich? Ein Film entstanden an der Universität Hamburg
Zócalo, Centro da Cidade do México. Rotinas diárias ou alteração permanente? Como o espaço é produzido aqui? Como é pensado? O que significa realmente o conceito de espaço? Um filme surgido na Universidade Hamburgo

Martje Petersen/Malte Lemke, 2010

Globalisierung benennt den Sachverhalt weltweit gestiegener Vernetzungen und Abhängigkeiten¹: Globalisierung selbst ist keine „Kraft“, die etwas auslöst, sondern der Begriff für die empirisch beschreibbaren Beziehungsnetze². Die weltweiten Austausch- und Abhängigkeitsbeziehungen lassen sich aufgliedern in verschiedene Qualitäten und zwar maßgeblich in Vernetzungsleistungen wirtschaftlicher Art (Handelsbeziehungen, Finanzmärkte etc.), technologischer Art (elektronisches Netz, Transportbahnen, Strom- und Wasserversorgung etc.) und kultureller Art (Austausch von Ideen und Konsumprodukten, aber auch die Mobilität im Tourismus oder durch Migration etc.). Während unter ökonomischen Gesichtspunkten Konkurrenzen zwischen Orten und Märkten, aber auch wirtschaftliche Anhängigkeit und die Struktur der Handelsbeziehungen in den Blick rücken, stellt sich unter technologischen Gesichtspunkten das Problem fehlender Funktionalität weltweit einheitlicher Lösungen, während kulturelle Globalisierung die Frage nach dem Stellenwert lokaler Kulturen im Kontrast zu hegemonialen Bestrebungen der Verwestlichung und Amerikanisierung aufruft.

Historiker wie Jürgen Osterhammel und Soziologen wie Immanuel Wallerstein³ verstehen heute Kolonialisierung als frühe Form der Globalisierung, ja sogar als deren Anfang. In globalgeschichtlicher Perspektive wird um 1450/1500 der Beginn der Neuzeit im Sinne einer sich globalisierenden Epoche gesetzt. Wenn wir also über Globalisierung sprechen, dann beziehen wir uns auf einen Prozess, der seit 500 Jahren andauert, der bestenfalls in frühe und späte Globalisierung unterschieden werden kann.

Je nachdem welcher Aspekt in den Fokus gerückt wird (also Ökonomie, Technik oder Kultur), wird auch die Ausprägung des Vernetzungsgrades jeder Epoche unterschiedlich beurteilt. Graham Thomp-

Chama-se de globalização o estado de coisas caracterizado por aumento nas interligações e interdependências:¹ a globalização em si não é uma “força” que desencadeia algo, mas sim o termo aplicável às redes de relações que podem ser descritas empiricamente.² As relações mundiais de intercâmbio e interdependência podem ser subdivididas em diferentes qualidades, mais precisamente em interligações do tipo econômico (relações de comércio, mercados financeiros, etc.); do tipo tecnológico (rede eletrônica, vias de transporte, abastecimento de energia e água, etc.) e do tipo cultural (intercâmbio de ideias e de produtos de consumo, mas também a mobilidade, pelo turismo ou através de migração, etc.). Sob o ponto de vista econômico, o foco recai sobre concorrências entre locais e mercados, mas também sobre a dependência econômica e a estrutura das relações comerciais. Numa perspectiva tecnológica, coloca-se o problema da falta de funcionalidade em soluções globalmente uniformes. Já a globalização cultural levanta a questão da importância de culturas locais em contraste com os esforços hegemônicos de ocidentalização e americanização.

Atualmente, historiadores, como Jürgen Osterhammel, e sociólogos, como Immanuel Wallerstein,³ entendem a colonização como uma forma primitiva de globalização, até mesmo como seu início. Numa perspectiva histórica global, o início da Idade Moderna, no sentido de uma época que se globaliza, é fixado em cerca de 1450/1500. Dessa forma, quando falamos em globalização, estamos nos referindo a um processo que já dura 500 anos e que, na melhor das hipóteses, pode ser dividido em globalização inicial e globalização tardia.

A depender do aspecto que seja enfocado (ou seja, economia, tecnologia ou cultura), também

son zum Beispiel argumentiert, dass der Verflechtungsgrad internationaler Handelsbeziehungen kurz vor dem Ersten Weltkrieg genauso hoch war wie heute⁴. Insgesamt kann aber davon ausgegangen werden, dass der Grad an Globalisierung – in den drei Feldern Wirtschaft, Technologie und Kultur gemeinsam betrachtet – ein vorläufiges Höchstmaß erreicht hat und dass auf diese Weise die weltweite Abhängigkeit ebenso gestiegen ist wie das Bewusstsein der Einheit der Welt⁵. Trotz des immensen Grades an Austausch auch in früheren Phasen gab es immer den Unterschied zu heute, dass der Stellenwert grenzüberschreitenden Fernhandels gegenüber dem Verbrauch lokal und regional erzeugter Produkte gering blieb. Heute ist es umgekehrt. Und (ganz aktuell): „Wirtschaftskrisen pflanzten sich noch nicht von Land zu Land und von Kontinent zu Kontinent fort. Wirtschaftlich *nicht* vernetzt zu sein, war noch kein gravierendes Problem“⁶

Ich möchte in diesem einführenden und grundsätzlichen Text die beiden sozialen Phänomene, über die wir ganz wesentlich auf diesem Symposium sprechen, nämlich Raum und Globalisierung aus soziologischer Perspektive erläutern und zueinander ins Verhältnis setzen. Es liegt auf der Hand, dass Globalisierung alle zuvor gekannten Raumrelationen grundsätzlich verändert hat. Theoretiker wie Henri Lefebvre haben schon in den 70er Jahren des letzten Jahrhundert darauf hingewiesen, dass mit der Vermessung der Welt als Nebenprodukt der frühen Globalisierung sich unser Verhältnis zu Raum grundlegend verändert hat. Im Vertrag von Tordesillas teilen Spanien und Portugal die noch unerschlossenen Teile der Erde unter sich auf und manifestieren eine Vorstellung von Raum, die zuvor nur in der Physik und Philosophie Geltung beanspruchte: die Vorstellung, dass Raum einteilbar ist in Quadranten, welche

as peculiaridades do grau de interdependência de cada época são avaliadas de formas diferentes. Graham Thompson,⁴ por exemplo, argumenta que, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, o grau de interdependência das relações comerciais internacionais era tão alto quanto é hoje. Mas, no geral, pode-se partir do princípio de que o grau de globalização – nos três campos, economia, tecnologia e cultura, observados conjuntamente – atingiu um nível máximo temporário e que, dessa forma, a interdependência global cresceu tanto quanto a consciência da unidade mundial.⁵ A despeito do altíssimo grau de intercâmbio também observável em fases anteriores, sempre houve uma diferença em relação aos dias atuais: o fato de que a importância do comércio internacional de longa distância permanecia pequena frente ao consumo de produtos locais e regionais. Hoje, ocorre o contrário. E (algo que é muito atual): “As crises econômicas ainda não se propagavam de país para país e de continente para continente. Não estar economicamente interligado ainda não constituía um sério problema”.⁶

Neste texto introdutório e básico, eu gostaria de esclarecer, numa perspectiva sociológica, em que consistem ambos os fenômenos sociais “espaço” e “globalização” e de relacionar um com o outro. É óbvio que a globalização modificou fundamentalmente todas as relações espaciais anteriormente conhecidas. Teóricos como Henri Lefebvre já tinham, nos anos 70, chamado a atenção para o fato de que, com a medida do mundo como subproduto da globalização inicial, nossa relação com o espaço modificou-se de forma fundamental. Pelo Tratado de Tordesilhas, Espanha e Portugal dividem entre si as partes ainda inexploradas da Terra e manifestam uma noção de espaço que, antes, só tinha aplicação na física e na filosofia: a noção de que o espaço é divisível em quadrantes



*Mental Maps zur Raumproduktion des Zentrums, Der Zócalo in Mexico Stadt. Ein Film entstanden an der Universität Hamburg
Mapas mentais para a produção de espaço do Centro, Zócalo, Cidade do México. Um filme surgido na Universidade Hamburgo*

Martje Petersen/Malte Lemke, 2010

jeden, absolut jeden Zentimeter der Welt erfüllen. Damit etablieren sie auch die Vorstellung, dass Raum besessen werden kann. Der Raum wird abstrakt, herausgelöst aus der Alltagsnutzung, denkbar, und damit zur Ware.

Kein Wunder also, dass – zumindest für die spanischen Kolonialherren – auch Stadtplanung zur Obsession wurde. Neben wirtschaftlichen und machtpolitischen Zielen verfolgen die Kolonialisten Siedlungspolitik. Sie greifen in die gewohnten Siedlungsweisen ihren eigenen Ordnungsvorstellungen entsprechend ein.

Die Anlage der neuen Städte folgte einem einheitlichen Modell: Die Grundstruktur bildete ein schachbrettartig angelegtes Straßennetz und zwischen den einzelnen Straßen befand sich eine Vielzahl – meist quadratischer – Häuserblocks. In der Mitte der Stadt wurden einige Häuserblöcke weggelassen oder in ihrer Größe reduziert,

tes que preenchem cada centímetro do mundo. Com isso, estabelecem também a ideia de que o espaço pode ser possuído. O espaço transforma-se em algo abstrato, destacado de sua utilização quotidiana, pensável e, por conseguinte, em mercadoria.

Assim, não admira que – pelo menos para os governantes coloniais espanhóis – também o planejamento urbano tenha-se tornado uma obsessão. Além de perseguir objetivos econômicos e de poder político, os colonialistas também praticam uma política de ocupação urbana. Eles intervêm nas formas usuais de ocupação de um modo correspondente a suas próprias noções de ordem.

A planta das novas cidades seguia um modelo unitário: a estrutura básica era formada por uma rede de ruas semelhante a um tabuleiro de xadrez; e, entre as ruas, encontrava-se uma multiplicidade de blocos de casas – em geral quadrados. No centro da ci-



Mental Maps zur Raumproduktion des Zentrums, Der Zócalo in Mexico Stadt. Ein Film entstanden an der Universität Hamburg
 Mapas mentais para a produção de espaço do Centro, Zócalo, Cidade do México. Um filme surgido na Universidade Hamburgo

Martje Petersen/Malte Lemke, 2010

um Raum für einen freien Platz zu schaffen, um den die bedeutendsten Gebäude gruppiert wurden: die Kirche, das Rathaus, die Häuser der Kaufleute und die der reichsten Kolonisten.⁷

Gerade in Bezug auf Salvador muss man sich aber auch vor Augen halten, dass die Portugiesen dieses Muster gerade nicht verfolgten. Im Kontext der Auseinandersetzung mit Salvador ist besonders relevant, dass die Portugiesen kein territoriales Kolonialreich aufbauten.⁸ „Die Portugiesen (...) kamen, um mitzunehmen“⁹. Sie verfolgten, wie man sagt, ein gleichsam fluides Imperiumskonzept basierend auf Warenströmen¹⁰. Wo immer es ging, dort gliederten sie sich in bestehende Handelsnetze ein, wo das unmöglich schien, versuchten sie möglichst effektiv, Warenströme zu erzeugen. Einen ernsthaften Anspruch, Institutionen zu implementieren sowie Planungsfantasien zu verwirklichen, hatten sie nicht. Im Gegensatz zu den Spaniern, die kamen

dade, alguns blocos de casas eram excluídos ou tinham seu tamanho reduzido, a fim de abrir espaço para uma praça, em torno da qual se agrupavam os prédios mais importantes: a igreja, a prefeitura, as casas dos comerciantes e as dos colonos mais ricos.⁷

Especificamente no que tange a Salvador, porém, deve-se ter em mente que os portugueses não seguiam exatamente esse padrão. No contexto da análise de Salvador, é especialmente relevante o fato de que eles não construíram um reino colonial territorial.⁸ “Os portugueses (...) vieram para levar”.⁹ Eles seguiam uma concepção de império, por assim dizer, fluida, baseada em fluxos de mercadorias.¹⁰ Sempre que possível, eles se integravam a redes comerciais preexistentes. Onde isso parecia impossível, tentavam criar fluxos de mercadorias da forma mais efetiva possível. Eles não possuíam uma intenção séria de implementar instituições ou concretizar planos imagina-

um zu herrschen und zu siedeln, hatten portugiesische Stadtgründer eher improvisierenden Charakter. Zwar reproduzierten sie alte Muster, wie in Salvador in der Oberstadt zu siedeln (vergleichbar zu Lissabon), um gleichsam Sicherheit und Vertrautheit für sich zu erzeugen, aber sie taten das nicht mit dem gleichen planerischen Ordnungsanspruch, den die Spanier an den Tag legten.

Wenn heute die Sozial- und Geisteswissenschaften, auch eine sozial motivierte Architektur und Stadtplanung, Räume und Raumanordnungen versuchen zu analysieren, dann gilt als Grundsatz und als Anspruch, mit einem Raumbegriff zu arbeiten, der nicht unreflektiert die Behälterlogik vereinfachender Weltbilder übernimmt. Für Wissenschaft stellt sich der Anspruch, gerade nicht Alltagsvorstellungen von Raum zu reproduzieren, sondern neue Perspektiven mittels exakterer Definitionen zu ermöglichen.

Wir haben mit den Kategorien Zeit und Raum ein Ordnungsmuster des Nacheinanders (Zeit) und ein Ordnungsmuster des Gleichzeitigen (Raum). Die Kategorie des Raumes ebenso ernst zu nehmen wie die Zeit, bedeutet z.B. ein anderes Land nicht nur unter die Frage, an welchem Punkt der Entwicklung es sei, zu stellen, es also nicht nur als frühe Version Europa oder Nordamerikas zu denken, sondern als gleichzeitig und anders. Räumliche Unterschiede durch Verzeitlichung zu verhüllen, ist für Geografin Doreen Massey deshalb Teil des modernen Mythos der „großen Erzählungen“¹¹ von Fortschritt, Entwicklung und Modernisierung, eine spezifische Form des Historismus, die ohne Berücksichtigung lokaler Unterschiede auf die eine, richtige Entwicklungslinie abzielt.

Raum wird deshalb in den Sozial- und Geisteswissenschaften mehrheitlich im Sinne einer relationalen Beziehung gedacht. Raum spannt sich auf. Er

dos. Ao contrário dos espanhóis, que chegaram para dominar e se estabelecer, no caso dos portugueses a formação das cidades tinha o caráter de improvisação. Embora reproduzissem velhos padrões – como se estabelecer, em Salvador, na Cidade Alta (comparável a Lisboa), a fim de, por assim dizer, proporcionar a si mesmos segurança e familiaridade –, não faziam isso com a exigência de planejamento e ordem demonstrada pelos espanhóis.

Quando, hoje, os sociólogos e estudiosos das ciências humanas também tentam analisar uma arquitetura e um urbanismo, espaços e organizações espaciais socialmente motivados, adotam o princípio e a exigência metodológica de que se trabalhe com uma noção de espaço que não assumam, de forma irrefletida, a lógica de um receptáculo de visões simplistas de mundo. A abordagem científica exige que não se reproduzam noções de espaço do senso comum, e sim que novas perspectivas se tornem possíveis, recorrendo-se a definições mais exatas.

Com as categorias “tempo” e “espaço”, temos um padrão de ordenamento do sucessivo (tempo) e um padrão de ordenamento do concomitante (espaço). Levar a categoria espaço tão a sério quanto o tempo significa, por exemplo, não levantar, com relação a um país, apenas a questão de em qual fase de desenvolvimento ele se encontra, ou seja, não o pensar apenas como uma versão anterior da Europa ou da América do Norte, mas sim como algo concomitante e diferente. Por isso, para a geógrafa Doreen Massey, encobrir diferenças espaciais com uma dimensão temporal é algo que faz parte do mito moderno das “grandes narrativas”¹¹ de progresso, desenvolvimento e modernização, uma forma específica de historicismo que, sem levar em consideração diferenças locais, orienta-se por uma linha única e correta de desenvolvimento.

entsteht durch einen Bau. Raum wird durch die Verknüpfung von Objekten zu einem Platz. Raum basiert auch auf der Syntheseleitung, Länder oder Städte zueinander ins Verhältnis zu setzen. Der „Black Atlantic“, wie ihn Paul Gilroy als Wahrnehmungs- und Denkraum für schwarze Kultur beschreibt, ist beispielsweise solche ein Synthese sehr ferner Orte zu einem eigenen Raum. Abstrakt gesprochen kann Raum demnach als eine relationale Anordnung, erzeugt durch individuelle und kollektive Verknüpfungsleistung sowie durch daran angepasste Platzierungen gefasst werden.¹²

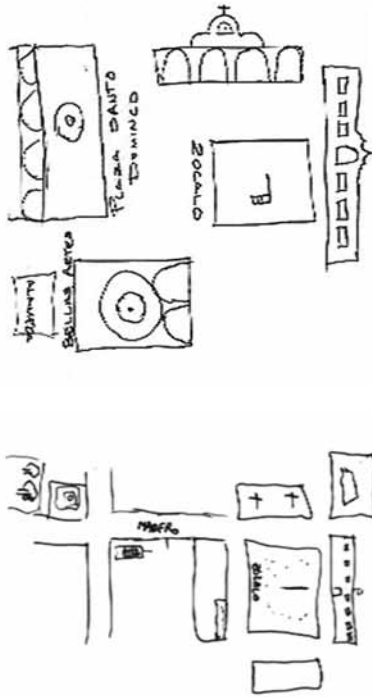
Verfolgt man diesen Gedanken weiter, so kommt man schnell zu dem Punkt, dass – als Relation gedacht – sich Globalisierung in ihren Effekten nie nur im kolonialisierten Land, sondern immer auch im Land der Kolonialmacht zeigt. Die frühe Globalisierung hat nicht nur die „Städte in der Welt“, sondern auch die „Städte zu Hause“ verändert. Die Entwicklung Londons oder Manchesters kann überhaupt nicht verstanden werden, so Anthony King¹³, wenn man nicht gleichzeitig den Einfluss von Indien, Afrika und Lateinamerika berücksichtigt. Angefangen von den Größenphantasien, die durch die Eroberungen ausgelöst werden und die die Kleinteiligkeit des eigenen Landes provinziell erscheinen lassen, bis hin zur Kultur des Teetrinkens, die mit England untrennbar verbunden scheint, obwohl in Großbritannien kein Tee wächst, verändert sich der Eroberer mit der Eroberung.

Die neuen Raumrelationen verändern auch ganz konkret die Raumstrukturen in Europa. Von nun an werden vor repräsentativen Bauten (Schloss Villary z.B.) Gemüsegärten platziert, um die exotischen Pflanzen zu zeigen, die man erworben hat. Es werden als Raumarrangements gezeigt, die man zuvor sorgfältig verborgen hat. Bungalow, Wohnbauten der Afrikaner, werden in Nor-

Por isso, nas ciências sociais e humanas, o espaço é majoritariamente pensado no sentido de uma vinculação relacional. O espaço se distende. Ele surge a partir de uma construção e torna-se um lugar por meio da interligação de objetos. O espaço baseia-se também num procedimento de síntese que coloca países ou cidades em relação uns com os outros. O *black Atlantic*, por exemplo, descrito por Paul Gilroy como o espaço de percepção e de pensamento para a cultura negra, é uma síntese de locais muito distantes entre si, resultando num espaço próprio. Por conseguinte, o espaço, abstratamente falando, pode ser concebido como um ordenamento relacional, gerado a partir de uma atividade individual e coletiva de conexão, assim como de localizações que a ele são adaptadas.¹²

Proseguindo-se nesse pensamento, chega-se rapidamente à conclusão de que a globalização – entendida como relação – nunca evidencia seus efeitos somente na terra colonizada, mas sim, e sempre, também no país que detém o poder colonial. A globalização primitiva modificou não apenas as “cidades no mundo”, mas também as “cidades em casa”. Como afirma Anthony King,¹³ o desenvolvimento de Londres ou de Manchester não pode, de modo algum, ser compreendido, se não se leva, ao mesmo tempo, em consideração a influência da Índia, da África e da América Latina. Começando com as fantasias de grandeza que são desencadeadas pelas conquistas e que fazem a pequenez do próprio país parecer provinciana, chegando à cultura do consumo de chá, que parece ser indissociável da Inglaterra, embora na Grã-Bretanha não existam plantações de chá; o conquistador se modifica com a conquista.

As novas relações espaciais modificam também, de forma bastante concreta, as estruturas espaciais na Europa. A partir de agora, hortas são



Mental Maps zur Raumproduktion des Zentrums, Der Zócalo in Mexico Stadt. Ein Film entstanden an der Universität Hamburg
Mapas mentais para a produção de espaço do Centro, Zócalo, Cidade do México. Um filme surgido na Universidade Hamburgo

Martje Petersen/Malte Lemke, 2010

amerika so selbstverständlich zur Wohnform, dass man sie für eine amerikanische Erfindung halten könnte. Umgekehrt vergisst eine Generation mit Winnetou und Old Shatterhand aufgewachsener Jugendlichen, dass die Spanier den native americans des Mississippi Pferde brachte, so dass diese die Pferde-Bison-Kultur entwickelten, die uns heute als Prärieindianerkultur selbstverständlich erscheint¹⁴.

Für die Reflexion über Globalisierung bedeutet dies, dass jener als Globalisierung klassifizierter

plantadas na frente de prédios representativos (o Palácio Vilandry, por exemplo), a fim de mostrar as plantas exóticas que foram adquiridas. Arranjos espaciais que, antes, eram cuidadosamente ocultados, passam a ser ostentados. Os bangalôs, construções residenciais dos africanos, tornam-se, na América do Norte, uma forma tão natural de moradia, que seria possível tomá-la por uma invenção americana. De forma inversa, toda uma geração de jovens que cresceram com Winnetou e Old Shatterhand esquece-se de que foram os espanhóis que levaram cavalos para os índios do Mississippi, possibilitando-lhes o desenvolvimento da cultura do cavalo e do bisão que, hoje, parece-nos natural como cultura indígena das pradarias.¹⁴

Para a reflexão em torno da globalização, isso significa que aquele achado – classificado como globalização – da intensificação das relações internacionais não traz, simplesmente, como consequência nem a homogeneização nem a heterogeneização, sendo que a homogeneização, ou seja, a assimilação das condições de vida e perda da própria cultura, constitui o temor maior, expresso com muito mais frequência.

Neste ponto, pode-se constatar que não é consequência lógica de nenhum dos processos de rede o estabelecimento de uma relação de derivação entre globalização e homogeneização (ou então heterogeneização). Na verdade, a questão da homogeneização *versus* heterogeneização é muito mais a questão dos efeitos culturais de uma interligação mundial. Portanto, globalização e homogeneização não se colocam, entre si, numa relação condicional. Isso fica evidente, por exemplo, no fato de que processos de homogeneização podem ser observados em fases históricas e em regiões que praticamente não estão inseridas em contextos de interligações globais, por exemplo, em cidades socialistas. A política socialista de ur-

Befund der Intensivierung weltweiter Beziehungen weder einfach Homogenisierung noch Heterogenisierung zur Folge hat, wobei Homogenisierung, also Angleichung der Lebensbedingungen und Verlust eigener Kultur die größere und viel häufiger geäußerte Befürchtung ist.

An dieser Stelle ist festzuhalten, dass aus keiner der Vernetzungen logisch folgen muss, dass Globalisierung und Homogenisierung (oder aber Heterogenisierung) in einem Ableitungsverhältnis stehen. Die Frage nach Homogenisierung versus Heterogenisierung ist vielmehr im Kern eine nach den *kulturellen Wirkungen* weltweiter Vernetzung. *Globalisierung und Homogenisierung stehen somit in keinem Bedingungsverhältnis*. Das zeigt sich z.B. daran, dass man Prozesse der Homogenisierung in zeitlichen Phasen und in Landstrichen beobachten kann, die kaum in globale Vernetzungen eingewoben sind, zum Beispiel in sozialistischen Städten. Sozialistische Stadtpolitik speiste sich aus modernen Homogenitätsvorstellungen, ohne dass diese sich direkt aus Globalisierungsprozessen ableiten oder an Globalisierungserwartungen knüpfen ließen.

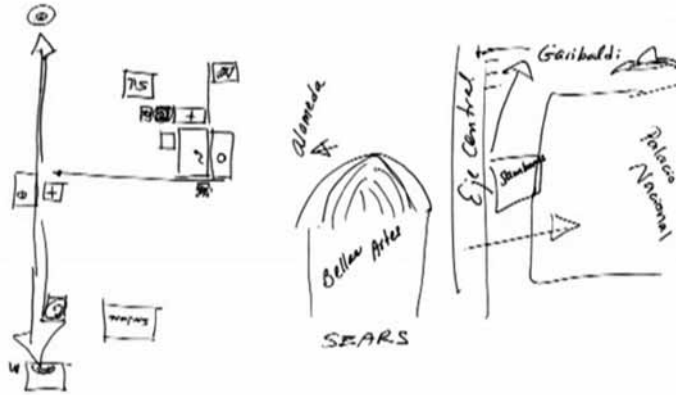
Vielmehr ist es die *Moderne selbst* und damit die *Verstädterung* als eine „im Westen entstandene Zivilisation [...], die sich zum Teil analog zu der Kristallisierung und Expansion der großen Religionen – Christentum, Islam, Buddhismus, Konfuzianismus – in der ganzen Welt ausgebreitet hat“. ¹⁵ Die Moderne trägt als konzeptionelles Rückgrat ein *Streben* nach Homogenisierung (und ich meine hier wirklich nicht die Durchsetzung, sondern nur das Streben). Charakterisiert ist die Moderne über die Aufklärung mit ihrem Anspruch auf universelle Anerkennung, über den Siegeszug des Kapitalismus und die Entstehung der Nationalstaaten

banização alimentava-se de noções modernas de homogeneização, sem que elas possam ser atribuídas diretamente a processos de globalização, nem associadas a expectativas globalizantes.

É muito mais a própria modernidade e, com ela, a urbanização, como uma “civilização surgida no Ocidente (...), que se espalhou por todo o mundo, em parte de forma análoga à cristalização e expansão das grandes religiões – cristianismo, islamismo, budismo, confucionismo”. ¹⁵ A modernidade traz consigo, como espinha dorsal conceitual, uma aspiração à homogeneização (e aqui eu me refiro, de fato, não à concretização, mas apenas à aspiração). A modernidade forjou suas características a partir do iluminismo, com sua pretensão de reconhecimento universal, do triunfo do capitalismo e do surgimento dos Estados nacionais, assim como da expansão das ciências e de sua institucionalização nas universidades. ¹⁶ Especialmente o triunfo do capitalismo conduziu à formação de cidades marcadamente industriais, bem como ao processo de urbanização, que agora podemos observar como uma forma global de vida.

A partir da difusão dessas “invenções” europeias, surgem tendências de homogeneização (ou seja, de cientificação, de capitalismo e do princípio do Estado nacional). ¹⁷ A equiparação de modernidade e homogeneização vê-se, no entanto, enredada na autoconceitualização, ou seja, reproduz a ideologia da modernidade.

Embora a modernidade sempre tenha sido projetada como um processo de crescente homogeneização, ¹⁸ o êxito desse projeto em escala mundial é mais do que duvidoso. Shmuel N. Eisenstadt enfatiza que “esta civilização, com seu programa cultural específico e seus efeitos institucionais, gerou modelos culturais e institucionais que se modifi-



Mental Maps zur Raumproduktion des Zentrums, Der Zócalo in Mexico Stadt. Ein Film entstanden an der Universität Hamburg
Mapas mentais para a produção de espaço do Centro, Zócalo, Cidade do México. Um filme surgido na Universidade Hamburgo

Martje Petersen e Malte Lemke, 2010

sowie über die Ausweitung der Wissenschaften und deren Institutionalisierung in den Universitäten¹⁶. Insbesondere der Siegeszug des Kapitalismus führte zur Herausbildung industriell geprägter Städte sowie zum Prozess der Verstädterung, den wir jetzt als weltweite Lebensform beobachten müssen.

Von der Verbreitung *dieser* europäischen „Erfindungen“ gehen Homogenisierungstendenzen aus (also von Verwissenschaftlichung, Kapitalismus und Nationalstaatenprinzip).¹⁷ Die *Gleichsetzung* von Moderne und Homogenisierung verfängt sich jedoch im Selbstentwurf, also reproduziert die Ideologie der Moderne.

Obwohl die Moderne immer als Prozess ausweidender Homogenisierung entworfen wurde¹⁸, war der Erfolg dieses Projektes im Weltmaßstab mehr als zweifelhaft. Shmuel N. Eisenstadt betont, dass „diese Zivilisation, mit ihrem spezifischen kulturel-

cam continuamente e que representam reações diversas aos desafios e às possibilidades (...). Em outras palavras, a expansão da modernidade não produziu uma civilização uniforme e homogênea; mas, na verdade, múltiplas modernidades“.¹⁹

Constatar uma multiplicidade de modernidades simultâneas é algo que remete ao fato de que as cidades – por mais que subúrbios se pareçam com *shopping centers*, por mais comparáveis que sejam as legitimações da política da livre concorrência e por mais intercambiável que a paisagem urbana possa cintilar nos cartões-postais – devem ser encaradas como configurações culturais em transformação, cuja correspondência institucional com outras concentrações urbanas constitui uma questão empírica. Quando, de forma precipitada, concebemos superfícies que cintilam de forma semelhante em alguns locais da cidade como sendo resultados de processos classificados como de globalização, estamos simplificando demasiadamente. Quão se-

len Programm und seinen institutionellen Auswirkungen *sich ständig verändernde kulturelle und institutionelle Muster* hervorgebracht hat, die unterschiedliche Reaktionen auf die Herausforderungen und Möglichkeiten (...) darstellen. Mit anderen Worten, die Expansion der Moderne brachte keine uniforme und homogene Zivilisation hervor, sondern, in der Tat, multiple Modernen".¹⁹

Eine Vielfalt von Modernen gleichzeitig zu konstatieren, verweist darauf, dass Städte – wie gleich Vorstädte mit Shoppingcenter aussehen mögen, wie vergleichbar die Legitimationen der Wettbewerbspolitik und austauschbar das Stadtbild auf Postkarten schimmern mag – als sich wandelnde kulturelle Formationen zu betrachten sind, deren institutionelle Übereinstimmung mit anderen städtischen Verdichtungen eine empirische Frage ist. Wenn wir ähnlich schimmernde Oberflächen mancher Orte in der Stadt vorschnell als Resultat eines als Globalisierung kategorisierten Prozesses fassen, machen wir es uns zu einfach. Wie ähnlich Salvador, Lissabon, Chicago oder Sao Paulo sich sind oder wie stark die Eigenlogik jeder dieser Städte in der Auslegung homogenisierender Tendenzen ist, bleibt meines Erachtens eine sorgfältig zu studierende Frage.

Wenn Globalisierung den Grad an Vernetzung beschreibt, dann sind Homogenisierung und Heterogenisierung sich überlagernde und wechselseitig bedingende Dynamiken:

- Homogenisierung bezeichnet den Prozess der Angleichung von Städten und damit die Nivellierung stadtkultureller Differenzen. Homogenisierung ist in der Moderne konzeptionell angelegt, aber nie durchgreifend verwirklicht worden.
- Heterogenisierung benennt den Prozess des Unterscheidens und damit die Hervorbringung neuer stadtkultureller Differenzierungen. Heterogenisierung ist als Reaktion auf ökonomische Globalisie-

melhantes entre si são Salvador, Lisboa, Chicago ou São Paulo, ou com que intensidade a lógica intrínseca de cada uma dessas cidades interfere na interpretação das tendências homogeneizantes, é algo que, no meu entender, permanece sendo uma questão que demanda um cuidadoso estudo.

Se a globalização descreve o grau de interligação, então a homogeneização e a heterogeneização constituem dinâmicas que se sobrepõem e se condicionam reciprocamente:

- Denomina-se homogeneização o processo de adaptação das cidades e, com isso, o nivelamento de diferenças culturais cidadinas. A ideia de homogeneização já está conceitualmente presente na modernidade, mas nunca chega a ser concretizada de forma radical.

- Chama-se de heterogeneização o processo de diversificação e, com isso, a geração de novas diferenciações culturais cidadinas. A heterogeneização, enquanto reação à globalização econômica, constitui uma prática estabelecida na economia de livre concorrência, porém nunca é vivenciada apenas como delimitação, mas sim, também, como uma política de coalisão, nas políticas de referência recíproca (por exemplo, nas parcerias entre cidades) ou afirmações de similitude (*rankings* de cidades), nas alianças econômicas e/ou tecnológicas e nas comunidades de destino históricas.

Sob a perspectiva da sociologia do espaço, a argumentação, especialmente de Immanuel Wallerstein,²⁰ de que a colonização seria uma forma primitiva de globalização é criticada no sentido de que, aqui, a globalização do capitalismo é entendida apenas como uma continuação ampliada da lógica nacional e, por conseguinte, a distinção entre o municipal, o nacional e o global só é feita de forma horizontal. Peter Taylor critica o fato de

rung im Modus der Konkurrenz eine etablierte Praxis, wird jedoch nie nur als Abgrenzung, sondern auch als Verbündungspolitik gelebt, in den Politiken gegenseitiger Bezugnahme (zum Beispiel Städtepartnerschaften) oder Ähnlichkeitsbehauptungen (Städterankings), der ökonomischen und/oder technologischen Verbindungen und historischen Schicksalsgemeinschaften.

Aus raumsoziologischer Perspektive wird die Argumentation insbesondere Immanuel Wallersteins²⁰, Kolonialisierung sei frühe Globalisierung dahingehend kritisiert, dass die Globalisierung des Kapitalismus hier als territorial geweitete Fortsetzung der nationalen Logik begriffen wird und somit die Unterscheidung von städtisch/national/global nur horizontal einsetzt werde. Peter Taylor kritisiert, dass der Maßstab des Denkens von einer einseitigen Orientierung auf Nationalstaaten in der Vergangenheit zu einer einseitigen Orientierung auf globale Maßstäbe verschoben würde. Richtig fruchtbar werde jedoch wissenschaftliche Analyse, wenn sie konsequent ihren Gegenstand nach seiner Bedeutung in den Dimensionen Stadt, der Region, im Land und in der Welt gleichzeitig befragt. Stadt (Salvador), manchmal auch Region (Bahia) wäre dann der Bereich der alltäglichen Erfahrung, der Nationalstaat (Brasilien) politische Rahmung und die Mesoebene der (ideologisch stark aufgeladenen) Realitätsstrukturierung und das Globale jene Skala der Realität die weltweite Vernetzung benennt. Phänomene der sozialen Ungleichheit z.B. werden in den Städten erfahrbar, über den Nationalstaat (immer noch) ideologisch vorstrukturiert und durch die Dominanz einer Weltökonomie signifikant beeinflusst.

Scale (Skalierung) – von den städtischen und regionalen zu den nationalen und globalen – werden soziologisch nicht als vorgegebene ter-

que a categoria do pensamento foi deslocada de uma orientação unilateral por Estados nacionais, no passado, para uma orientação unilateral por escalas globais. No entanto, a análise científica só se torna efetivamente produtiva quando seu objeto é, ao mesmo tempo, questionado, de forma consequente, acerca de sua importância nas dimensões “cidade”, “região”, “país” e “mundo”. A cidade (Salvador), às vezes também a região (Bahia), constituiria, então, o âmbito da experiência cotidiana; o Estado nacional (Brasil) seria a moldura política e o nível médio da estruturação da realidade (carregado de forte conteúdo ideológico); e o global, aquela escala da realidade que designa a integração mundial. Fenômenos da desigualdade social, por exemplo, tornam-se tangíveis nas cidades, são pré-estruturados ideologicamente (ainda) por intermédio do Estado nacional e sofrem significativa influência da supremacia da economia mundial.

Os graus dessa escala – do municipal e regional até o nacional e o global – não são pensados, sociologicamente, como unidades territoriais predeterminadas, mas sim como grandezas socialmente construídas e que se modificam historicamente. Nesse sentido, *scale* designa globalização, nacionalização, regionalização e urbanização como processo de produção. Por conseguinte, a graduação por escala passa a ser compreendida de forma relacional: cada dimensão (local, nacional, global) retira, igualmente, sua plausibilidade da delimitação em relação a cada uma das demais. Exatamente porque essas dimensões espaciais não designam seções no formato de caixas é que uma transformação da hierarquia escalar pode ser investigada. Atualmente isso constitui a questão da perda de importância por parte dos Estados nacionais.



Der Zócalo, das Zentrum Mexiko Stadts. Alltägliche Routinen oder permanente Veränderung? Wie wird hier Raum produziert? Wie gedacht? Und was bedeutet der Begriff des Raums eigentlich? Ein Film entstanden an der Universität Hamburg, 2010
Zócalo, Centro da Cidade do México. Rotinas diárias ou alteração permanente? Como o espaço é produzido aqui? Como é pensado? O que significa realmente o conceito de espaço? Um filme surgido na Universidade Hamburgo, 2010

Martje Petersen/Malte Lemke, 2010

ritoriale Einheiten begriffen, sondern als sozial konstruierte und historisch sich verändernde Größen gedacht. In diesem Sinne benennt *scale* Globalisierung, Nationalisierung, Regionalisierung, Urbanisierung als Herstellungsprozess. Daher wird Skalierung relational begriffen: Jede Dimension (lokal, national, global) zieht ihre Plausibilität gleichfalls aus der Abgrenzung zur je anderen. Gerade weil diese Raumdimensionen nicht containerförmige Ausschnitte bezeichnen, kann eine Transformation der skalaren Hierarchie untersucht werden. Aktuell ist das die Frage nach dem Verlust der nationalstaatlichen Bedeutung.

Eine solche Argumentation beinhaltet zwei wissenschaftliche Kunstgriffe:

- Erstens wird Globalisierung zu einem Deutungsrahmen neben anderen und
- zweitens wird Stadt gleichberechtigt als Ebene der Analyse eingeführt.

Tal argumentação envolve dois artifícios científicos:

- em primeiro lugar, a globalização torna-se um *frame* de interpretação entre outros e
- em segundo lugar, a cidade é introduzida como um nível de análise igualmente importante.

Existem bons argumentos para que as cidades não sejam pensadas como unidades de socialização transversais aos Estados nacionais somente a partir do momento em que elas passam a ser concebidas como *world cities* ou *global cities*,²¹ uma vez que, na pesquisa urbana comparada, já ficou várias vezes comprovado que, nas cidades, padrões próprios de atuação política (*urban governance*) e relevâncias próprias no agir cotidiano estabelecem-se para além da lógica unificadora do Estado nacional.²²

Peter John e Alistair Cole, por exemplo, comparam cidades britânicas e francesas no âmbito do projeto de pesquisa *Local Policy Networks and Intergo-*

Es gibt gute Argumente dafür, Städte nicht erst seit sie als *World cities* oder *Global Cities* gefasst werden²¹ als Vergesellschaftungseinheiten quer zu Nationalstaaten zu denken, da in der vergleichenden Stadtforschung bereits mehrfach der Beweis erbracht wurde, dass sich in Städten jenseits der vereinheitlichenden Logik des Nationalstaates²² eigene Muster politischen Handelns (*urban governance*) und eigene Relevanzen im Alltags-handeln etablieren.

Peter John und Alistair Cole vergleichen in einem Forschungsprojekt zu „Local Policy Networks and Intergovernmental Coordination“ britische und französische Städte und belegen, dass der „Charakter einer Stadt“²³ prägenden Einfluss auf deren Entwicklungsoptionen hat. Das Ausmaß nationaler Unterschiede zwischen britischen und französischen Städten variere in Abhängigkeit von den lokalen politischen Akteursnetzwerken, welche wiederum den Charakter einer Stadt formen, so wie die Netzwerke ihrerseits von diesem beeinflusst werden. In der Konsequenz können sie zeigen, dass Institutionen und Politikformen mit Stadtkulturen eine enge Bindung eingehen. Quer zu den Differenzen zwischen Nationalstaaten liegen einfluss- und variantenreiche Stadtkulturen als konstituierende Faktoren für ökonomischen Erfolg bzw. Misserfolg.

Es wäre daher kein analytischer Gewinn, die Stadt ausschließlich als territoriale Formen der Vergesellschaftung zu denken, wohingegen das Globale ausschließlich als mobiler deterritorialisierter *space of flows* konzeptualisiert wird²⁴ – man kennt diese Konzeption z.B. von Manuel Castells. Vielmehr ist davon auszugehen, dass sich das Lokale und das Globale gegenseitig konstituieren. So wie es in globale Konstruktionen von Städten gibt, so gibt es auch in den Städten variierende Konstruktionen des Globalen – und zwar zu allen Zeiten der Globalisierung.

vernmental Coordination e provam que o “caráter de uma cidade”²³ exerce marcante influência sobre suas opções de desenvolvimento. A dimensão das diferenças nacionais entre cidades britânicas e francesas, afirmam, varia de acordo com a rede de atores políticos locais, que, por sua vez, formam o caráter de uma cidade, assim como as redes, por seu lado, são influenciadas por esse caráter. Eles podem, portanto, demonstrar que instituições e formas políticas estão fortemente comprometidas com culturas cidadinas. Transversalmente às diferenças entre Estados nacionais, as culturas cidadinas, ricas em influências e em variantes, apresentam-se como fatores decisivos para o sucesso ou o fracasso econômico.

Por conseguinte, não constituiria ganho analítico algum pensar as cidades, exclusivamente, como formas territoriais de socialização, enquanto o global é conceitualizado exclusivamente como espaço de fluxos (*space of flows*) móvel e deterritorializado,²⁴ como sugere, por exemplo, a concepção teórica de Manuel Castells. Deve-se, antes, partir do princípio de que o local e o global constituem-se reciprocamente. Assim como, no global, existem construções de cidades, também nas cidades existem variadas construções do global – e isso em todos os períodos por que tem passado a globalização.

A famosa conceitualização híbrida de globalização de Eric Swyngedouw²⁵ procura apreender esta dialética entre o local e o global. Ele insiste que a globalização e a localização são processos que se desenrolam paralela e simultaneamente; que nenhuma cidade pode ser “puramente” local, posto ser precisamente esse tipo de convergência entre o local e o global que torna os lugares tão singulares e distintos. O local, o nacional e o global estão sempre se sobrepondo – por isto, as cidades constituem objetos tão interessantes para

Eric Swyngedouws berühmte hybride Begriffsbildung von der Glokalisierung²⁵ versucht diese Dialektik von Lokalem und Globalem einzufangen. Er insistiert darauf, dass Globalisierung und Lokalisierung parallel und simultan verlaufende Prozesse sind. Dass keine Stadt „rein“ lokal sein kann, weil es gerade die Art des Zusammentreffens von Lokalem und Globalem ist, die Orte so einzigartig und distinkt werden lässt. Immer überlagert sich Lokales, Nationales und Globales – deshalb sind Städte so spannende Gegenstände für wissenschaftliche und politische Beobachtung, weil sie Orte sind, an denen die Welt in spezifischer Form Bedeutung erlangt.²⁶

Martina Löw leitet den Forschungsschwerpunkt Stadtforschung der Technischen Universität Darmstadt, wo sie Professorin für Stadt- und Raumsoziologie ist und das Forschungsprojekt „Eigenlogik“ leitet. Löw ist Vorsitzende der Deutschen Gesellschaft für Soziologie, Mitglied des wissenschaftlichen Rates des Präsidiums der TU Darmstadt und Mitherausgeberin der Reihe *Materialitäten. Soziologische Texte zu Körper, Bewegung und Raum* (transcript-Verlag).

Anmerkungen

- 1 Dürschmidt, Jürgen. *Globalisierung*. Bielefeld: transcript, 2002: 12.
- 2 Dazu auch Giddens, Anthony. *Konsequenzen der Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995: 95; Albrow, Martin. *The Global Age: State and Society beyond Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1996: 93.
- 3 Wallerstein, Immanuel M. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.
- 4 Thompson, Grahame. Economic Globalization? In: Held, David (Hg.). *A Globalizing World?* London/

a observação científica e política: porque elas são lugares em que o mundo adquire uma forma específica de significado.²⁶

Martina Löw dirige a linha de pesquisa sobre a cidade da Universidade Técnica de Darmstadt, onde leciona sociologia da cidade e do espaço e coordena o projeto de pesquisa “Lógica intrínseca”. Löw é presidente da Sociedade Alemã de Sociologia e faz parte do comitê de pesquisa da IBA Basel. É coeditora da Série *Materialidades: textos sociológicos sobre corpo, movimento e espaço* (Editora Transcript-Verlag).

Notas

- 1 Dürschmidt, Jürgen. *Globalisierung*. Bielefeld: transcript, 2002: 12.
- 2 A esse respeito, ver também Giddens, Anthony. *Konsequenzen der Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1995: 95; Albrow, Martin. *The Global Age: State and Society beyond Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1996: 93.
- 3 Wallerstein, Immanuel M. *The Modern World-System I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, 1974.
- 4 Thompson, Grahame. Economic Globalization? In: Held, David (ed.). *A Globalizing World?* London/ New York: Routledge, 2000: 85-126. Ver também Torp, Cornelius. *Die Herausforderung der Globalisierung. Wirtschaft und Politik in Deutschland 1860-1914*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005.
- 5 Ver especialmente Robertson, Roland. Glocalization. Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity. In: Featherstone, Mike; Lash, Scott M.; Robertson, Roland (ed.). *Global Modernities*. London/New Delhi: Thousand Oaks/Sage, 1995: 15-30.
- 6 Osterhammel, Jürgen; Petersson, Niels P. (2003). *Geschichte der Globalisierung. Dimensionen, Prozesse, Epochen*. 4 Edição. Munique: Beck, 2007: 42 (grifo do original).

- New York: Routledge, 2000: 85-126. Siehe auch Torp, Cornelius. *Die Herausforderung der Globalisierung. Wirtschaft und Politik in Deutschland 1860-1914*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2005.
- 5** Siehe besonders Robertson, Roland. Glocalization. Time-Space and Homogeneity-Heterogeneity. In: Featherstone, Mike; Lash, Scott M.; Robertson, Roland (Hg.). *Global Modernities*. London/New Delhi: Thousand Oaks/Sage, 1995: 15-30.
- 6** Osterhammel, Jürgen; Petersson, Niels P. (2003). *Geschichte der Globalisierung. Dimensionen, Prozesse, Epochen*. 4. Auflage, München: Beck, 2007: 42 (kursiv im Original).
- 7** Benevolo, Leonardo. *Die Geschichte der Stadt*. Frankfurt am Main/New York: Campus, 2000: 674.
- 8** Osterhammel, Petersson, 2007: 36.
- 9** Bartlet, Dawid Danilo. Hinterland ist überall. *Arch +*, n. 190: 7.
- 10** Ibidem.
- 11** Lyotard, Jean- François (1979). *Das postmoderne Wissen*. Wien: Passagen, 1999.
- 12** Löw, Martina. *Raumsoziologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.
- 13** King, Anthony D. *Urbanism, Colonialism and the World-Economy. Cultural and Spatial Foundations of the World Urban System*. London/New York: Routledge, 1990.
- 14** Osterhammel, Petersson, op. cit.: 38.
- 15** Eisenstadt, Shmuel N. Multiple Modernen im Zeitalter der Globalisierung. In: Schwinn, Thomas (ed.). *Die Vielfalt der Moderne*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2006: 37.
- 16** Ver Kocka, Jürgen. Die Vielfalt der Moderne und die Aushandlung von Universalien. In: Schwinn, op. cit.: 63-69.
- 17** Berger, Johannes. Die Einheit der Moderne. In: Schwinn, Thomas, op.cit.: 201-225.
- 18** A esse respeito, ver Kocka, op. cit.: 64.
- 19** Eisenstadt, op. cit.: 37.
- 20** Por exemplo, Wallerstein, 1974.
- 21** Ver Friedmann, John. The World City Hypothesis. *Development and Change*, 17, 1986: 69-83; Sassen, Saskia. *Metropolen des Weltmarktes. Die neue Rolle der Global Cities*. Frankfurt am Main/New York: Campus, 1996.
- 22** Resumidamente, Löw, Martina. *Soziologie der Städte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.
- 23** John, Peter; Cole, Alistair. When do Institutions, Policy Sectors, and Cities Matter? Comparing Networks of Local Policy Makers in Britain and France. *Comparative Political Studies*, 33, 2000: 261.
- 24** Berking, Helmuth. "Global Flows and Local Cultures". Über die Rekonfiguration sozialer Räume im Globalisierungsprozeß. *Berliner Journal für Soziologie*, 8, 1998: 381-392.

83; Sassen, Saskia. *Metropolen des Weltmarktes. Die neue Rolle der Global Cities*. Frankfurt am Main/ New York: Campus, 1996.

22 Löw, Martina. *Soziologie der Städte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.

23 John, Peter; Cole, Alistair. When do Institutions, Policy Sectors, and Cities Matter? Comparing Networks of Local Policy Makers in Britain and France. *Comparative Political Studies*, 33, 2000: 261.

24 Berking, Helmuth. "Global Flows and Local Cultures". Über die Rekonfiguration sozialer Räume im Globalisierungsprozeß. *Berliner Journal für Soziologie*, 8, 1998: 381-392.

25 Swyngedouw, Erik. The Mammon Quest. Globalization, Interspatial Competition and the Monetary Order. In: Dunford, Michael; Kafkalas, Grigoris (Hg.). *Cities and Regions in the New Europe*. London: Bellhaven Press, 1992: 39-67.

26 *Arte&Ensaaios richtet sich nach einer Standardisierung, in der nur die bibliografischen Hinweise, auf die der Text zurückgreift, angegeben werden, und ausschließlich durch Endnoten; die folgenden Literaturangaben, in alphabetischer Reihenfolge aufgelistet, sind im Text nicht direkt genannt worden, wurden aber von der Autorin vorgelegt:* Andrews, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Verlag der Universidade do Sagrado Coração. 1998; Curtin, Philip D. *The Rise and Fall of the Plantation Complex*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990; Kleist, Carolin u.a.. Stadtarchitektur oder Stadt der Mauern? Editorial. *Arch +*, n. 190:2-3. 2008; Larraín, Jorge. Latin America in the Post-national World. In: Peter Birtle u.a. (Hg.). *Brazil and the Americans. Convergences and perspectives*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlagsgesellschaft, 13-29. 2008; Schaeber, Petra. Von den Flechtfrisuren der Blocos Afros zu Dreadlocks im Hörsall – die Bedeutung kultureller Bewegungen für das moderne Brasilien. In: Kühn, Thomas; Souza, Jessé (Hg.). *Das moderne Brasilien. Gesellschaft, Politik und Kultur in der Peripherie des Westens*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 320-339. 2006.

25 Swyngedouw, Erik. The Mammon Quest. Globalization, Interspatial Competition and the Monetary Order. In: Dunford, Michael; Kafkalas, Grigoris (ed.). *Cities and Regions in the New Europe*. London: Bellhaven Press, 1992: 39-67.

26 *Arte&Ensaaios segue o padrão de incluir as referências bibliográficas nas notas e só aquelas a que o texto faz menção; algumas referências da bibliografia do texto original não são mencionadas no texto e, portanto, não aparecem nas notas; em ordem alfabética, são elas:* Andrews, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Ed. Universidade do Sagrado Coração. 1998; Curtin, Philip D. *The Rise and Fall of the Plantation Complex*. Cambridge: Cambridge University Press. 1990; Kleist, Carolin et al. Stadtarchitektur oder Stadt der Mauern? Editorial. *Arch +*, n. 190:2-3. 2008; Larraín, Jorge. Latin America in the Post-national World. In: Peter Birtle et al (Ed.). *Brazil and the Americans. Convergences and perspectives*. Frankfurt am Main: Vervuert Verlagsgesellschaft, 13-29. 2008; Schaeber, Petra. Von den Flechtfrisuren der Blocos Afros zu Dreadlocks im Hörsall – die Bedeutung kultureller Bewegungen für das moderne Brasilien. In: Kühn, Thomas; Souza, Jessé (Ed.). *Das moderne Brasilien. Gesellschaft, Politik und Kultur in der Peripherie des Westens*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 320-339. 2006.

Tradução/Übersetzung Raul Oliveira